

A rota do autoritarismo

» SACHA CALMON
Advogado

Colho de Fernando Abruio o cerne de suas meditações. Qual é o projeto estratégico e de longo prazo do bolsonarismo? Responder a essa pergunta é decisivo para entender o sentido das próximas eleições. O caminho almejado por Bolsonaro é muito similar ao traçado na Venezuela chavista. É uma rota de destruição paulatina das instituições democráticas, substituindo-as por um modelo concomitantemente autocrático e populista, que reduz o controle independente sobre os governantes e mobiliza constantemente setores populares, inclusive por meio da violência, em apoio ao líder máximo.

“Não é possível saber se essa ideia vai vingar no Brasil, mas o atual presidente tentará, com todas as suas forças, alcançar esse objetivo. Trata-se de uma grande ironia da história. Nas eleições de 2018, o bolsonarismo não cansou de dizer que o PT queria que o Brasil se transformasse na Venezuela. Aproveitava-se do fato de que os governos petistas tinham se imiscuído na política interna venezuelana, o que foi um erro enorme de política externa. Mas, observando mais atentamente a trajetória de Bolsonaro, desde aquela época, já se percebia que ele tinha mais similaridades com Chávez do que qualquer outra liderança política.”

Ambos têm origem militar e, praticamente, foram expulsos da instituição por seu personalismo golpista. Ideologicamente, seguem um populismo autoritário no qual não há espaço para partidos nem para uma sociedade civil independente. Quando chegou ao governo, Bolsonaro aumentou ainda mais as similaridades em sua luta contra a Justiça e a imprensa, na campanha pelo armamento de seus aliados na sociedade e na política externa isolacionista. Os dois optaram não pelo golpe clássico de Estado, mas, sim, por usar a democracia para jogar o povo contra as instituições — Chávez por meio de plebiscitos, e Bolsonaro usando as redes sociais para insuflar uma revolta contra o sistema.

Há dissonâncias entre essas figuras políticas, principalmente por conta da diferença de contextos. Bolsonaro tem uma ditadura militar prévia como base de suas ideias, ao passo que o chavismo criou o seu próprio modelo autocrático, num país que tinha ficado imune da onda de regimes autoritários que assolaram a região.



Outras diferenças entre Brasil e Venezuela poderiam ser citadas, porém, o fato marcante é que ambas escolheram uma estratégia política similar de construir uma autocracia pela destruição e, ressalte-se, desmoralização paulatina do jogo democrático.

Embora admire muito Viktor Orban, governante da Hungria, além de reverenciar Trump e Putin, o caminho bolsonarista é muito mais parecido com o do chavismo, por causa de peculiaridades sul-americanas e pelo perfil militar de seu líder. Assim, é possível listar passos estratégicos desse modelo político.

O primeiro é o de construir o poder político com base numa lógica da violência. Há dois pilares, o oficial e o informal, de modo a criar uma unidade (artificial) entre o Estado e o povo. No primeiro pilar está a conquista do apoio das Forças Armadas, tornando-as cúmplices do projeto, mas não comandantes dele, diferentemente do que ocorreria no Brasil no regime fundado em 1964.

Para conseguir isso, usa as benesses dos cargos e recursos públicos e isso explica a escolha do candidato a vice na chapa bolsonarista e a criação ou reforço de um inimigo comum — no caso brasileiro, os “comunistas”, imaginariamente identificados como o PT.

Bolsonaro e Chávez buscaram cooptar os militares para dizer que as armas são o árbitro final do conflito político, e não juízes ou qualquer ator civil. A lógica da violência também está presente na campanha pelo armamento da população civil (formação de milícias armadas e sectárias).

Desde o início do mandato há uma guerra aberta entre Bolsonaro e a imprensa. Apostou-se nas redes sociais, mas houve também uma cooptação, maior ou menor, de parte dos órgãos de comunicação. De todo modo, uma parcela importante da mídia não se curvou, e talvez a saída seja, pela ótica bolsonarista, formas mais severas de intervenção, que sempre aparecem como ameaças em discursos do próprio presidente da República. Além disso, há várias outras organizações sociais, a maior barreira ao projeto autoritário populista, algumas inclusive com forte conexão internacional. Qualquer ação mais violenta nesse campo poderá resultar em um enorme isolamento do país, com impactos econômicos e sociais.

A revisão constitucional já aparece nas discussões dos grupos bolsonaristas do Telegram e de forma sub-reptícia nos próprios discursos do presidente. O grande inimigo institucional do atual governo é o pacto socialdemocrata representado pela Constituição de 1988, que busca evitar a concentração de poderes.

O cenário externo é preocupação da via populista autoritária, pois com certeza há pressões contra um golpe institucional no Brasil vindas da Europa e especialmente dos Estados Unidos, porque seria uma enorme derrota para a política externa americana ter uma segunda Venezuela no continente. Antecipando-se a isso, Bolsonaro escolheu seu protetor: a Rússia de Putin. Já se ensaiam, inclusive, alguns discursos de cunho antiamericano.

A terceira via existe

» ALMIR PAZZIANOTTO PINTO
Advogado, foi ministro do Trabalho e presidente do Tribunal Superior do Trabalho

Promessa de candidato só compromete quem ouve, escreveu alguém cujo nome não me recordo. Penso, porém, que a frase carregada de ironia tem algum fundo de verdade. Ouvi palestras proferidas na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), pelos candidatos à Presidência da República, Ciro Gomes, Luiz Felipe d’Ávila e Luiz Inácio Lula da Silva. Pela TV Bandeirantes, acompanhei a entrevista de Simone Tebet, no programa *Canal Livre*. Jair Bolsonaro desistiu de comparecer ao encontro programado para o dia 11. É traço comum entre candidatos de oposição descrever o país da forma e sob o ângulo que lhes interessa. Ciro Gomes foi explosivo; Luiz Felipe d’Ávila acadêmico; Simone Tebet objetiva; Lula, como sempre, ilusionista.

A menos de dois meses das eleições, segundo as pesquisas as probabilidades de chegar ao segundo turno se concentram em Jair Bolsonaro e no ex-presidente Lula. O programa do presidente, para o segundo mandato, deve refletir o desempenho ao longo do primeiro. Creio ser inútil ignorar fatos registrados desde 1º de janeiro de 2019. Sua Excelência teve a infelicidade de enfrentar a pandemia da covid-19, que já deixou 681 mil mortos e algo em torno de 34 milhões de infectados. Conflitos de competência entre a Presidência da República e governos estaduais e prefeitos municipais, a insistência em torno da cloroquina, as mudanças de ministros da Saúde, a comissão parlamentar de inquérito, geraram desgastes difíceis de superar.

Não bastasse a guerra da Rússia com a

Ucrânia temos inflação, elevação da taxa de juros, orçamento secreto, persistente desemprego, aumento dos preços, violência, 33 milhões de pessoas com fome (tragédia que se tenta amenizar com o Auxílio Emergencial). Medidas positivas são enfraquecidas por deficiência de comunicação, conflitos com a imprensa, sistemático ataque às urnas eletrônicas, conduta incompatível com a liturgia do cargo.

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva volta ao cenário como taumaturgo salvador. Às centrais sindicais, prometeu revogar a reforma trabalhista e reativar o mercado de trabalho, com melhores salários e geração de milhões de empregos. Assegurou que resolverá o problema da desindustrialização. As análises aos industriais reunidos na Fiesp foram, todavia, mal alinhavadas e as medidas propostas pecavam por demagógica falta de seriedade. A indústria automobilística e de autopeças das décadas de 1960, 1970, 1980, a que Lula fez referência, geravam dezenas de milhares de empregos produzindo veículos obsoletos, caros, de má qualidade, vendidos no mercado interno sob a proteção de muralhas alfandegárias.

Nas últimas décadas, o mundo tem passado por dramáticas mudanças. O século 21 não é mero prolongamento do século 20. Houve profunda ruptura provocada por fenômenos que começam a se manifestar na década de 1980 e ganham velocidade a cada dia que passa. O governo brasileiro exige alguém contemporâneo do futuro. Com ideias

inovadoras. Capaz de conviver com a nova geopolítica, a globalização, a automação, a robotização, de entender a inteligência 5G, as novas modalidades de trabalho, a necessidade de reconstruir a legislação trabalhista e de promover reformas políticas e tributárias.

O desenvolvimento encontra empecilhos na extrema judicialização das relações de trabalho, na insegurança jurídica, no calote dos precatórios, nas crises políticas, no péssimo relacionamento do Poder Executivo com o Poder Judiciário, na corrupção turbinada pelo orçamento secreto, na debilidade do micro e pequeno empresário. O Brasil é uma espécie de Passat dos anos 70, incapaz de competir em qualidade, tecnologia, desempenho, com veículos do primeiro mundo.

Não nos podem obrigar a escolher entre dois candidatos ultrapassados. Jair Bolsonaro corre perigo de perder eleição que se encontrava ganha, para alguém que, até hoje, foi incapaz de esclarecer, de maneira clara e convincente, as razões que o levaram às barras da Justiça Criminal, a ser condenado e a ir para a prisão.

A terceira via existe. Basta procurá-la. Simone Tebet reúne experiências adquiridas no Poder Executivo com o traquejo acumulado no exercício de cargos no Senado. Ciro Gomes tem currículo invejável, Luiz Felipe d’Ávila é o acadêmico que ensaia dar os primeiros passos na política. Além de Bolsonaro e Lula, temos, portanto, uma candidata e dois candidatos. No que me concerne, a escolha está feita: apoio Simone Tebet.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Projetos e revitalizações

Entra governo e sai governo e a promessa de que o instituto da reeleição será definitivamente enterrado vai ficando de lado, mesmo já tendo demonstrado o quão esse modelo é danoso para nossa democracia, principalmente pela utilização da máquina pública em favor daqueles candidatos que estão no poder. Por outro lado, é preciso notar que não basta a renovação de nomes no governo se as ideias e os projetos persistirem as mesmas. O tempo muda e com eles as prioridades. O que era antes uma inovação, hoje pode ser um estorvo e uma velhacaria.

Desse modo, ao iniciar-se os novos governos que eles venham trazendo mudanças qualitativas, sobretudo na parcimônia e racionalidade com que irão lidar com os recursos públicos. Por isso, antes da implementação de projetos mirabolantes e dispendiosos as regras da boa administração mandam escutar, diretamente daquela população-alvo, que prioridades ou obras ela elege como correta para cada momento.

Nesse início de campanha muitos candidatos ao Governo do Distrito Federal têm apresentado programas e projetos, principalmente grandes obras de infraestrutura como novas pontes sobre o Lago Paranoá e nova extensão da linha do metrô subterrâneo, sem que a população dessas localidades seja, ao menos, consultada sobre essas prioridades e urgência. Trata-se de um crasso erro de estratégia, de marketing, e que pode, facilmente resultar em gastos astronômicos e desnecessários, que, não raro, transformam essas obras ou num esqueleto inacabado e dispendioso ou num chamado elefante branco, pousado estranhamente na paisagem, como um símbolo da ganância e o que é pior, da corrupção.

Grandes obras que em um passado recente eram anunciadas como redentoras e de grande visão estratégica e administrativa, hoje estão sem uso e sendo corroídas pelo tempo. Verdadeiros monstros a homenagear governos perdulários, muitos, inclusive alvo de processo na Justiça. Exemplos como o Estádio Mané Garrincha, com sua arquitetura paquidérmica e inútil e o Buriatinga, complexo de edifícios que serviriam para abrigar o GDF estão aí, de pé, como estátuas gigantescas a celebrar ao mau uso ou o desvio de dinheiro público.

Há ideias e projetos que por sua inventividade e oportunidade nada ou pouco custam ao contribuinte e que muito podem ajudar a melhorar a vida dos brasilienses. Outras iniciativas e projetos devem, por sua urgência, serem continuados e até expandidos, como é o caso da revitalização das avenidas W3 Sul e Norte. Esses dois importantíssimos eixos comerciais e que por décadas foram esquecidos, merecem ser melhor repaginados do ponto de vista arquitetônico e econômico, trazendo de volta o valor que essas avenidas merecem.

Uma ideia, para dar início a essa revitalização econômica e que nada custaria aos cofres da capital, seria deslocar o eixo do lazer do ponto em que ele hoje está, no eixo rodoviário Norte e Sul para a W3, fechando todo aquele corredor ao trânsito nos domingos, de uma ponta a outra, para atrair a população de pedestres e ciclistas para essa área. Outra ideia, que muito ajudaria a população seria o estabelecimento de uma espécie de transporte público náutico ligando as margens do Lago Paranoá, permitindo o deslocamento e lazer da população de uma localidade para outra.

Idéias poderiam ser testadas como projetos pilotos para se saber o resultado dessas experiências e sua viabilidade. É preciso, no entanto, que o governo que virá, volte a implementar o orçamento participativo no qual a população diz em quais projetos devem ser investidos a dinâmica administrativa e o dinheiro dos pagadores de impostos. Lembramos aqui a importância para a vida cultural da cidade como a definitiva reforma dos teatros, a retomada de projetos culturais pela cidade ao estilo do Concerto Cabeças, Cinema Voador, Arte por Toda a Parte entre outros projetos, que tanto bem fizeram a cidade e onde nomes da cultura local foram revelados. Já é um bom começo.

» A frase que foi pronunciada

“Na cidade, a pressão da opinião pública é capaz de fazer o que a lei não consegue.”

Sherlock Holmes

Vulneráveis

» Seria bom se o GDF divulgasse o investimento feito para crianças e adolescentes na cidade. O Fundo dos Direitos da Criança e do Adolescente tem dotação mínima de três décimos por cento da receita tributária líquida. Não é pouco dinheiro. E na lei, é vedado o contingenciamento ou o remanejamento dos recursos destinados desse fundo.

Estúdio Barroco

» Ana Cecília Tavares (cravo), André Vidal (canto), Cecília Aprigliano (viola da gamba) e Sueli Helena (flauta doce) vão lançar o CD *Damas Virtuosas* na terça-feira (21/08), às 21h, no Clube do Choro de Brasília (Eixo Monumental) e na quinta-feira (23/08), às 21h, no Teatro da Escola de Música de Brasília (602 Sul). O concerto será apresentado dentro da série Concerta EMB. Não recomendado para menores de 14 anos. Os CDs estarão disponíveis para venda nos intervalos das apresentações ao preço de R\$ 20.

Convite

» Brasil Paralelo convida a todos para a *Guerra do Imaginário – A jornada de Chesterton, Lewis e Tolkien*, dia 25 de agosto às 20h. Para assistir, busque no Internet pelo título.

» História de Brasília

É de descabro, a situação de Taguatinga com relação a transportes. Quem precisa chegar ao Plano Piloto às 9 horas, está saindo de casa às seis, porque não sabe o que lhe espera em matéria de imprevistos. (Publicada em 09.03.1962).